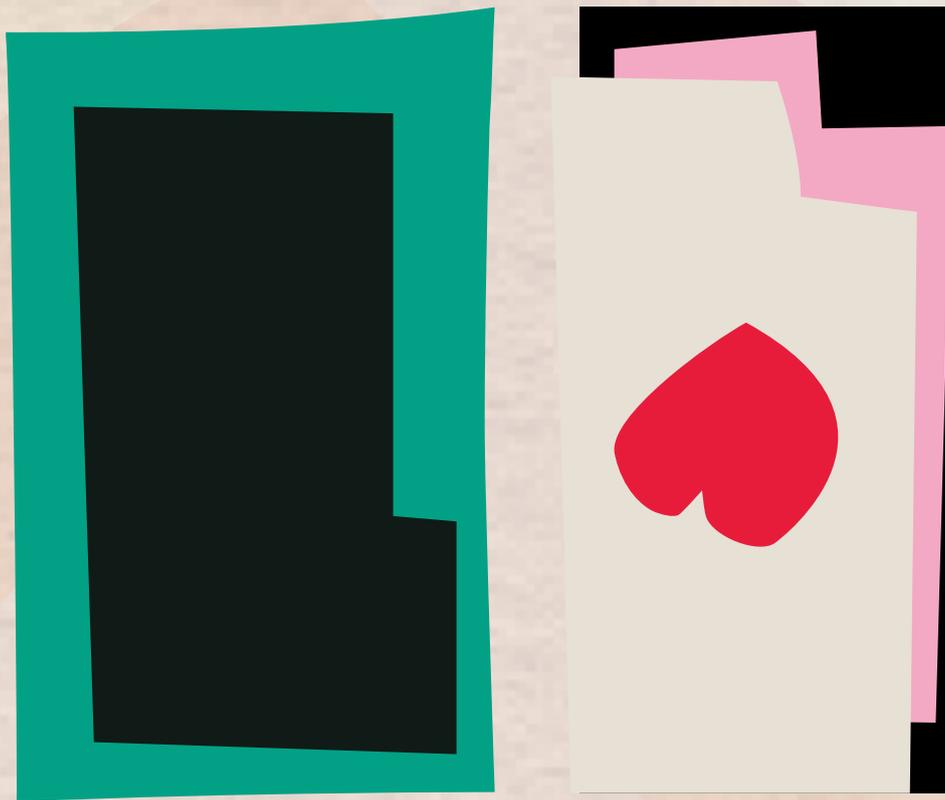


XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO



BOLETIM

CARTAS DE AMOR

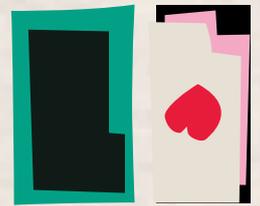
#02



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 DITOS DE AMOR
- 22 O AMOR ESTÁ NO AR
- 26 CORREIO ELEGANTE



EDITORIAL

James Valeriano

Associado do CLIN-a

Participante da Comissão de Boletim das
XIII Jornadas da EBP-SP

Em nosso primeiro boletim, finalizamos nos interrogando se haveremos de ter algo de novo para dizer sobre o amor. Nessa onda de inquietação, abrimos nosso segundo boletim, sob a rubrica “Ditos de Amor” e nos encontramos com nossa convidada Raquel Cors Ulloa e seu ensinante testemunho: “Restos do amor que fui”.



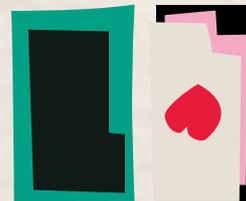
Arquitetura-humano-cidade – www.pixabay.com

Neste, Raquel nos provoca: “como dizer algo novo sobre o amor?” como não aproximar o novo à repetição, de novo?! Para tal, ela circunscreve sobre seu exercício de AE, do caso que foi. “É o novo de um eco vital que ressoa” e, ainda, a possibilidade de “se separar desse objeto a-mável”.

Curiosamente, na apresentação do primeiro eixo que nos convida ao trabalho, metamorfoseando as “MetAMORfoses”, Eliane Costa Dias, aproxima, a partir de Eric Laurent, a exigência de um “novo” como um dos nomes da pulsão de morte. Eliane traz o cenário da subjetividade dos nossos tempos, tomados pelas tecnociências e assim, um empuxo ao ilimitado do gozo. Na “clínica das soluções”, ela se pergunta, até que ponto os novos arranjos amorosos seriam uma via para “saber-fazer com o gozo que habita o corpo” ou, o pior? Uma instigante provocação para nos localizar nos trabalhos. Vocês ainda poderão ler os comentários de Claudia Regina Santa Silva.

Outro Dito de Amor, no eixo 2, pelo argumento de Maria Bernadette Soares de Sant’Ana Pitteri: “Transferência é amor - que amor é esse?”, mais uma vez o significante “novo” se coloca. “amor diferente? novo amor?”. Para discutir essa modalidade, a autora discorre de Freud à Lacan, minuciosamente em seu Seminário *A transferência*, livro 8, nos levando a aporia socrática, em detalhe e as tensões do Banquete até extrair o aforismo tão caro para nossa experiência clínica: “o desejo do homem é o desejo do outro”, nos deixando com a valiosa questão para nossos trabalhos: o que se transmite do inconsciente transferencial e a intransmissibilidade do inconsciente real. Esse eixo também conta com os comentários de Sandra Arruda Grostein.

CARTAS DE AMOR



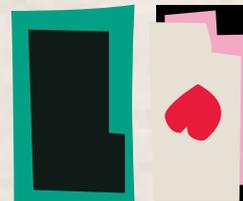
Em nossa rubrica “O Amor está no Ar”, Caroline Rangel e Licene Garcia, da Comissão de Artes, vão se valer da série “Modern Love” (2019) para ilustrar as formas contemporâneas de saber-fazer com o encontro: “uma maneira de evitar um encontro que inclua um certo desencontro”.

Francine Negrão Granato nos convida à exposição do contemporâneo Andy Warhol, na FAAP, mas não só! Diante das polaroides, do instantâneo, ela aproxima a arte de fazer proliferar, desse artista, ao discurso capitalista, que deixa de fora “as coisas de amor” como advertiu Lacan.

No nosso “Correio Elegante”, Paula C. V. Caio de Carvalho nos traz: “Morre-se de amor, ainda?”, uma tragédia, que se tornou um dos paradigmas na cultura sobre a dor no amor. “Romeu e Julieta”, o texto shakespeariano que nos conduz na relação do amor à morte. Paula cita Miller “(...) o Mal-estar na cultura, é o caminho do amor à morte: da organização da libido à pulsão de morte.”

Por fim, não deixem de espiar as reticências do nosso Amar é...

Boa leitura! Que nos inspire!



DITOS DE AMOR

Restos do amor que fui (-φ)¹

Raquel Cors Ulloa²

AME da NEL/AMP

Eu te amo,
Mas, porque inexplicavelmente
Amo em ti algo
mais do que tu –
o objeto a minúsculo,
Eu te mutilo.³



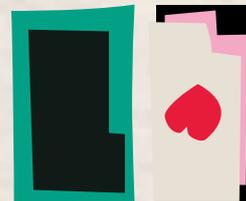
Tic-tac-toe – www.pixabay.com

Agradeço este espaço de Escola que hoje nos convoca para dizer algo novo sobre o amor.

Como dizer algo novo? Não de novo... porque dizer algo “de novo” seria repetir... outra vez a mesma Coisa, dizer - das Ding - de novo seria voltar a dizer mais do mesmo, mais e mais e mais, em busca da última novidade.

Saber dizer - um novo dizer - bem dizer, sobre o real, tem a ver com o procedimento do passe. Essa satisfação do final da análise, que sabe-dizer: “Acabou, então, o passe”⁴, ensina que, se o passe está além do amor ao saber, isto não quer dizer que esteja além do *saber*, uma vez que enquanto esse procedimento está *passando*, produz-se um novo saber a ser demonstrado quando ocorreu. Algo... desse ensino trago para a conversação de hoje. Refiro-me ao que o exercício de AE tem me ensinado com relação àquilo que vai passando... já não somente com meu próprio caso, mas com o que resta (-φ) do caso que fui...

- 1 Texto apresentado na primeira conversação da NEL: “¿Qué de nuevo en el amor para un AE?”, via Zoom no dia 20 de março de 2021, sobre o tema do X Enapol: “O novo no amor. Modalidades contemporâneas dos laços”. E para publicação neste Boletim contamos com a gentil autorização de Raquel Cors Ulloa, a quem muito agradecemos.
- 2 Membro da Nueva Escuela Lacaniana (NEL) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Analista Membro da Escuela (AME), Analista da Escola (AE 2018-2021). Presidente da NEL (2021-2023), atual diretora do Instituto Nova Escola (INES).
- 3 LACAN, J. (1964). O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p.254.
- 4 MILLER, J.-A., *Sutilezas Analíticas*, Paidós, Buenos Aires, 2011, p. 193. (N.T.: esta lição não está traduzida em português, como as demais, no livro *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos* de Jacques Lacan)



Di-ssolvidas⁵ suas transformações, o dispositivo do passe - neste momento - me oferece um escabelo onde situar (*place*) meu *sinthome* e verificar, com outros, o lugar (*lieu*) de seus ensinamentos.

\$ ◇ a

Talvez, dizer algo novo sobre o amor passe por diferenciar o objeto narcisista i(a) da função lógica do objeto a. Essa chave que, enquanto houve amor para me analisar, funcionou, tornou efetivo e duradouro, enquanto as idas e vindas do objeto a abriam e fechavam a porta interna de minha análise. Foi assim que o objeto operou até que se liquidou a transferência - isto é, o sujeito (\$), como tal.

O que passa⁶... depois de soltar a chave do amor é um alívio! Despojar-se do peso da indignidade que enquanto ser falante parasitou-me, limitando o sentido com que eu bordejava o vazio de meu *trou-matisme*, é um tema que na interlocução a partir do meu primeiro testemunho⁷ Marie-Hélène Brousse assinalou, ao perceber que os sonhos do final de minha análise estavam todos - não são muitos -, relacionados com a psicanálise e com a Escola.

a-muro

Se a transferência é a colocação em ato do inconsciente, não teríamos mais inconsciente depois da análise? Meus sonhos constataram a surpresa.

De fato, é que ao final da análise - ao-menos e já não-mais - começa-se a saber. Algo novo do corpo, se sabe. O imaginário e o simbólico do corpo surpreendem: é o novo de um eco vital que ressoa, não tão sozinho, mas com alguns outros, a saber: com o que há de irrepresentável nos outros.

Um poema, que alguns outros me enviaram - mais de uma vez, por vias diferentes: e-mails, mensagens, chats - chama a minha atenção. Ocorre que este saldo de saber - do gozo da vida - em alguns outros, também ressoa:

Llegó hoy con tres heridas: la del amor, la de la muerte, la de la vida.

Con tres heridas viene: la de la vida, la del amor, la de la muerte.

5 N.T.: No original, 'Di-sueltas', há o significante 'soltas' implicado.

6 N. T: Em espanhol tem também o sentido de 'o que ocorre, o que acontece'.

7 27-28- Uno. Primeiro testemunho apresentado na mesa do passe das X Jornadas da NEL, "¿Qué madre-s-hoy? "Vicisitudes en la experiencia analítica", Cidade do México, 21 de outubro de 2018. Nas XVII Jornadas da ELP, "¿Quieres lo que deseas? "Excentricidades del deseo, disrupciones de goce", Barcelona, 5 de novembro de 2018. Nas Noches de Enseñanzas del Pase EOL, Buenos Aires, 26 de março de 2019. No XIII Congresso de Membros da EBP "O jogo das paixões na experiência psicanalítica", São Paulo, 13 de abril de 2019. Publicado em: Bitácora Lacaniana 7, El psicoanálisis 34 (ELP), Lacaniana 26 (EOL), Attualità Lacaniana 25 (SLP).



Con tres heridas yo: la de la vida, la de la muerte, y la del amor.⁸

Vir aqui - já sem o tampão do meu fantasma e sem o peso da mortificação das palavras -, para conversar sobre o realmente-irrepresentável-e-indigno-do-amor é um alívio, um alívio encarnado. É que o sujeito que fui... amou! amou tanto o suporte I-S como apenas se pode amar a partir de uma falta. Só amamos a partir de uma posição feminina, não purista, que certamente está desde o início na transferência amorosa - essa relação de amor que é eterna enquanto dura - porque nossa, como dura! - provém de um saber suposto, o do inconsciente.

Esse amor que a psicanálise torna possível ensina o que percute nos rastros de um gozo que, como os primeiros apaixonamentos, se empenha em construir o *a-muro*.

A causa de sua castração

É assim que aqui estamos, sem retorno, sem os limites da lei, como nos diz Lacan. A propósito desse ponto em que o analista cerne a causa de seu próprio horror ao saber, a causa de sua castração, é verdade, *“O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, a posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver”*⁹.

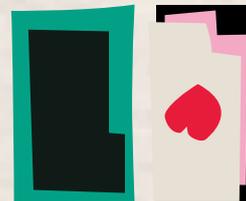
Delimitarei um pouco as coordenadas prévias do meu caso. Tudo começou quando nasci: no marco do amor e do desejo. Nesse dia, as enfermeiras deram o prognóstico, a *marca fatal*: “Uma menina assim... linda como um anjo, vai morrer”. O desejo do Outro, a avó materna, reverte esse prognóstico pontuando firmemente que a menina será: “Bela, Inteligente e Boa”, três *Ideais* que, em conformidade com o século XX, proporcionaram uma maneira de interpretar o real da minha existência.

É daí que eu venho, com esses restos do amor que fui... para dar o peso àquilo com que fiz uma vida. Daí vem, algo do meu amor em viver.

Agora, no passe - não sem os restos que ainda restam da relação narcisista e amável -, vivo a pulsão que resta daquele sujeito liquidado dos enganos do amor. Permanece em mim um desejo, uma nova página em branco... um fecundo *Sicut palea* para fazer o amor mais digno do que a abundância do falatório.

8 Poesia de Miguel Hernández (1910-1942). Tradução nossa. *Chegou hoje com três feridas: a do amor, a da morte, a da vida/Vem com três feridas: a da vida, a do amor, a da morte/Eu com três feridas: a da vida, a da morte e a do amor.*

9 LACAN, J. (1964). O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 267.



Docilidade não é resistência

Antes de vir para esta conversa estive em uma reunião de cartel muito ensinante; havia surgido um impasse em uma função política-institucional; então voltei a ler Lacan, como quando voltamos aos velhos amores. E estava ali! Na página 260¹⁰, capítulo XX de O Seminário 11. Frente a esta página - pela qual havia passado tantas vezes -, esta volta, ao invés de dizer “degradar”¹¹, meus olhos se empenharam, ainda, em ler “agradar”. Ali estava esse resto! Esse objeto *a*-mável que tanto amei e finalmente soltei ao atravessar o fantasma. Ali estava esse amor para me lembrar, como no jogo do judô - que Miller sugere para acompanhar este último movimento -, a manobra pela qual nos separamos, com soltura, com docilidade-analítica, da resistência política.

Um novo amor, que se constrói na análise, precisa que, para renová-lo, comecemos falando de amor. Com efeito, “o amor, cujo rebaixamento pareceu aos olhos de alguns que nós havíamos procedido, só se pode colocar nesse mais além, onde, primeiro, ele renuncia a seu objeto”¹². Entregar-se à ignorância, com paixão analítica, talvez implique, a cada trajeto analisante, consolidar o saber estabelecido e *recomeçar*¹³, pois não damos nada como já sabido.

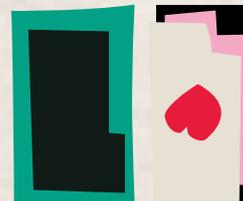
Tradução: Eduardo Vallejos da Rocha
Revisão: Paola Salinas

10 N.T.: Na tradução ao português foi utilizado o termo ‘rebaixamento’ e não o verbo ‘degradar’.

11 Ibid., p. 266.

12 LACAN, J. (1964). O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 267. Ver nota 9.

13 LACAN, J. (1969). O ato psicanalítico. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 372. (N.T.: na versão brasileira está “recomeçado”. Optamos por manter *recomeçar* para não alterar o sentido da frase da autora).



Jornadas EBP-SP 2025

Jogos do amor: parcerias contemporâneas

EIXO 01 – MetAMORfoses

Eliane Costa Dias

Membro da EBP/AMP

Participante da Comissão de Orientação das XIII Jornadas da EBP-SP

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
(...)

Sobre o que é o amor

Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela, amanhã já se apagou

Se hoje eu te odeio, amanhã lhe tenho amor

Lhe tenho amor, lhe tenho horror

Lhe faço amor, eu sou um ator

(*Metamorfose ambulante*, Raul Seixas, 1973)¹

Falamos de amor, ainda.

Desde o advento da civilização, o amor vive e circula na letra e nas imagens dos filósofos e pensadores, dos poetas, dos compositores, das obras de arte mais diversas, mas, principalmente, nas palavras, nos sussurros, nos silêncios e nos estranhamentos dos (des)encontros cotidianos dos seres falantes.

Como assinala Patrícia Bosquin-Caroz², o amor é sensível aos ideais transmitidos pela cultura e pela subjetividade da época que ordena as relações entre os sexos.

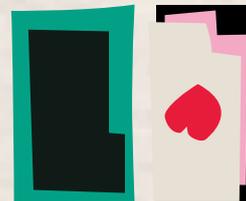
Na contemporaneidade, a aliança do capitalismo avançado com a ciência e a tecnologia produz efeitos, produz mutações nos discursos e nas subjetividades. No entanto, como adverte Laurent, “Esta dimensão do novo tem dificuldades para permanecer como tal na nossa civilização, sua duração



Digital art contemplation - www.stockcake.com

1 Música composta e gravada por Raul Seixas em 1973. Ela faz parte do álbum de estreia solo de Raul Seixas, intitulado “Krig-ha, Bandolo!”, lançado em 21 de julho de 1973.

2 BOSQUIN-CAROZ, P. *Les amours douloureuses*. Présentation du thème du Congrès NLS 2025.



é cada vez mais breve, de menor tempo, e, assim, é um dos nomes das formas contemporâneas da pulsão de morte”.³

Vivemos em uma civilização que está em *transição*: de uma cultura em que o gozo era regulado pela função NP para uma cultura que reivindica o gozo a todo custo, como ideal de liberdade e de direitos. A lógica das tecnociências incide cada vez mais sobre o discurso do mestre contemporâneo, acelerando a relação com o tempo e a produção massiva de objetos (*gadgets*) que amplificam vertiginosamente as possibilidades de gozo autoerótico. Em seu seminário *O saber do psicanalista (1971-72)*⁴ Lacan advertiu que este discurso (o do capitalismo) foraclui a castração e, portanto, as coisas do amor.

No campo das relações amorosas, os estereótipos de feminilidade e virilidade estão em crise. Verifica-se “uma grande instabilidade de papéis, uma fluidez generalizada do teatro do amor, que contrasta com a fixidez de outrora” (JAM)⁵. As *trans-formações* nas parcerias amorosas **são marca do século XXI:**

- Com a ajuda da IA, localizamos uma proliferação de nomes que apontam para novas configurações nas parcerias: poliamor, agamia, sologamia, hipergamia, relações abertas, relações à distância, trisal, *situationship*, DADT etc.
- O amor virtual - com relacionamentos e encontros sexuais mediados por aplicativos e “realidade expandida”.
- A desconstrução do binarismo de gênero.
- O amor *a-sexuado* do “casamento lavanda”.
- O amor ao *Um-dividualismo* – onde a convivência com o Outro sexo é substituída, cada vez mais, por um ideal de relações sem compromisso e pelo império dos dildos, objetos-próteses com os quais se pode gozar sem o outro. Frente aos furos que se abrem no encontro com o Outro, “o sujeito atual, em uma retração autoerótica, se deixa encerrar em seu narcisismo, modelando incansavelmente a própria imagem.”⁶

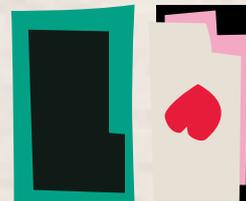
No entanto, como a imagem não oferece um tratamento eficaz para o vazio, a outra face da cultura do narcisismo é a abolição do desejo e a depressão generalizada, o *des-amor*.

3 LAURENT, É. As promessas do novo amor, in *O novo no amor, modalidades contemporâneas dos laços*. Publicação Eletrônica X ENAPOL, p. 41.

4 LACAN, J. *O saber do psicanalista (1971-72)*, lição de 06 de janeiro de 1972 (inédito).

5 MILLER, J-A. Sobre el amor [entrevista a Jacques-Alain Miller, por Hanna Waar]. *Psychologies Magazine*, octubre 2008, n° 278.

6 SORIA, N. *Nudos del amor*. Buenos Aires: Del Bucle, 2011, p. 357.



Mutações das parcerias amorosas que nos chegam à clínica. Como ler esse sintoma da época na singularidade do caso único, no tratamento do um a um? Nos tempos que correm, o que enoda os corpos sexuados? Como se enlaçam dois que são distintos, que são “heteridade”?

O que há de novo no amor?

Se pesquisamos a definição dos termos atuais, constatamos que existem nomes para quase todas as formas de relacionamento. Ter um nome, fazer parte de um grupo ou de uma comunidade, equivaleria a uma autorização do “goza como quiser”? Não seria isso uma torção do discurso amoroso, na direção do ilimitado do gozo?

Interrogando o que seria o “novo” no campo do amor, Laurent retoma uma afirmação de Lacan em *Televisão*: “Não se pode, pela observação do que nos chega aos sentidos, isto é, pela perversão, construir nada de novo no amor”⁷. E Laurent conclui que “do lado da perversão, não há nada de novo, tudo já foi explorado e clinicamente descrito. O novo vem dessas exigências novas de inscrição da relação sexual e de como qualificá-las.”⁸ Ou seja, o novo no discurso amoroso não diz respeito ao objeto, mas às tentativas, estruturalmente fadadas ao fracasso, de fazer existir a relação sexual.

Então, como o contemporâneo qualifica o amor? Clotilde Leguil discorre sobre o tóxico no amor, sobretudo no século XXI: “A narrativa sobre o amor em tempos de tóxico, portanto, mudou. Um véu é levantado sobre a obscuridade da pulsão, que pode empurrar o sujeito a se perder na destruição. Em nome do amor, para o amor, pelo amor.”⁹

A parceria é com o sintoma.

Parasitado pela língua, o ser falante vive a condição de perda estrutural do objeto. É nas bordas do vão que separa o sujeito e o objeto que a articulação das palavras se sustenta e o amor vem se instalar. O amor, portanto, como “um espaço entre, como um lugar de intervalo, ali onde a relação sexual entre homem e mulher não se escreve.”¹⁰

No seminário *O osso de uma análise* (1998), Miller interroga: “Como o falasser se serve do Outro para gozar?”¹¹. O gozo se produz no corpo do Um através do corpo do Outro. A parceria, assim, se

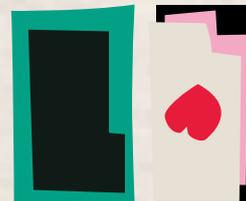
7 LACAN, J. *Televisão*, citado por LAURENT, É. As promessas do novo amor, in: *O novo no amor, modalidades contemporâneas dos laços*. Publicação Eletrônica do X ENAPOL, p. 44

8 LAURENT, É. *ibidem*.

9 LEGUIL, C. *L' intoxication amoureuse de Emma Bovary*. In: *L'ère du toxique*. Paris: ed. Puf, 2023, p. 115. Tradução livre.

10 SORIA, N. *idem*, p. 353.

11 MILLER, J-A. As duas formas do parceiro-sintoma. In: *O osso de uma análise*. Salvador: EBP-Bahia, 1998 [número especial da revista *Agente*], p. 107



torna um meio, um suporte para o gozo do *falasser*. O parceiro é, na verdade, o sintoma, algo que ressoa com o gozo singular de cada um, para além do princípio de prazer.

Podemos ler nas tábuas da sexuação, como as estruturas significantes determinam o parceiro-sintoma como meio de gozo. Do lado “masculino”, na estrutura *Todo x*, o gozo tem sempre algo de limitado, de circunscrito, de localizado e contabilizável; tomado a partir do pequeno *a*, o parceiro-sintoma do homem tem a forma *fetiche*. Já do lado do “feminino”, por ser *Não-Toda* mediada pelo falo, a relação com o gozo é ilimitada e a parceria assume a forma da demanda de amor, que, potencialmente infinita, pode retornar sob a forma de devastação.

Seguindo a reflexão de algo novo no amor, resultante do Contemporâneo, e de que existem mudanças nas narrativas, sobretudo naquelas que se referem ao encontro entre um homem e uma mulher, Miller, em seu texto sobre o parceiro sintoma, destaca uma marca da atualidade: “há uma mutação, que vai no sentido de uma igualdade, uma igualdade em nome do significante, na medida em que tanto o homem como a mulher são sujeitos de direito, e que vem se interpor, na relação entre os sexos, ao discurso jurídico.”¹² Ele coloca o discurso jurídico como o discurso da repartição do gozo, no intuito de “fazer a relação existir.”

Para além do imaginário a que este tema seduz, na clínica, como escutar este imperativo superegoico *Goza!* que transborda nas proliferações significantes dos arranjos amorosos?

Orientados pelo último ensino de Lacan, da perspectiva de uma “clínica das soluções”, podemos pensar que, às vezes, esses arranjos são soluções interessantes, que inventam um novo modo de amar e podem configurar uma via para saber-fazer com o gozo que habita o corpo. Mas também encontramos arranjos que podem levar ao pior. Como diferenciá-los?

As dores de amor podem levar ao encontro com o desejo do analista. Na experiência do amor de transferência, o ato analítico pode esvaziar o sentido e as imagens, levando o amor ao estatuto de *réson*, de ressonância no corpo daquilo de *lalíngua* que não se deixa apreender pela linguagem. A psicanálise pode contribuir neste ponto, na medida em que abre um campo para o saber, saber que cada um, tanto homem como mulher, podem ter em relação a seu gozo.

Retomando a famosa afirmação de Lacan no *Seminário 10* - “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”¹³ -, caberia a pergunta: Ainda?

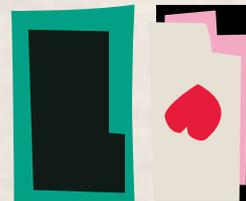
GLOSSÁRIO

Agamia: Refere-se à falta de interesse em formar um relacionamento romântico com outra pessoa, priorizando a autonomia e a liberdade individual.

¹² MILLER, J. *idem*, p. 116.

¹³ LACAN, J. *Seminário Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 197.

CARTAS DE AMOR



Sologamia: É o ato de celebrar o compromisso consigo mesmo, enfatizando a autossuficiência e o amor-próprio.

Hipergamia: Caracteriza-se pela busca por parceiros com maior status social, econômico ou de poder.

Relações abertas: São relacionamentos em que os parceiros concordam em ter liberdade para se relacionar com outras pessoas, sem comprometer o vínculo principal.

Relações à distância: São relacionamentos em que os parceiros vivem em locais geograficamente distantes, mas mantêm um vínculo afetivo e emocional.

Trisal: É uma forma de relacionamento em que três pessoas se envolvem emocional, sexual ou ambos.

Situationship: É uma relação informal, sem compromisso ou definição clara de status, caracterizada por encontros esporádicos e sem rótulo de relacionamento.

DADT (Don't Ask, Don't Tell): Foi uma política do Departamento de Defesa dos EUA que proibia a discriminação contra pessoas LGBTQIA+ no serviço militar, mas não se refere a formas de relacionamento.

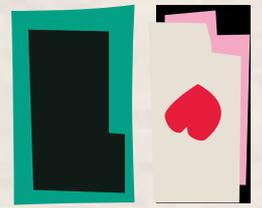
Casamento lavanda: É um casamento sem uma base romântica ou sexual genuína entre os cônjuges, sustentado por relações de comodidade ou conveniência.

Realidade Virtual (RV): Cria um ambiente digital imersivo que isola o usuário do mundo real. Utiliza dispositivos como óculos VR para proporcionar experiências sensoriais (visuais, auditivas e, às vezes, táteis) em um mundo simulado.

Realidade Aumentada (RA): Sobre põe elementos digitais (imagens, informações, objetos 3D) ao mundo real, visualizados através de dispositivos como *smartphones*, *tablets* ou óculos especiais. O usuário continua vendo o ambiente real, mas com informações virtuais adicionadas.

Realidade Mista (RM): Tecnologia que mescla o virtual e o real, não apenas sobrepondo, mas integrando os dois mundos. Permite que usuários e objetos virtuais interajam com o ambiente real e entre si de forma dinâmica e realista.

Realidade Expandida (RE): Termo guarda-chuva que engloba todas as tecnologias que misturam o mundo real com o virtual, incluindo Realidade Virtual, Realidade Aumentada e Realidade Mista. A RE busca criar experiências imersivas e interativas, combinando aspectos do mundo físico e digital em diferentes graus.



EIXO 01 – MetAMORfoses

Comentário por Claudia Regina Santa Silva

Membro da EBP/AMP

Participante da Comissão de Orientação das XIII Jornadas da EBP-SP

Retomando a citação de Patrícia Bosquin-Caroz¹, “o amor é sensível aos ideais transmitidos pela cultura e pela subjetividade da época que ordena as relações entre os sexos.”, fica a pergunta: Como podemos abrir e refletir essa citação? Começamos com a questão desenvolvida no texto de apresentação do eixo metamorfoses, de que há um efeito de transformação social com os avanços da ciência e da tecnologia, sustentado pelo capitalismo. Pelo menos até o momento esse é o modo como os seres humanos vem insistindo em se organizar. Se a psicanálise é sensível às questões da época, como essas transformações chegam até a Clínica? Podemos nos perguntar, em específico, como essas transformações do mundo contemporâneo afetam a forma “como o *fallasser* se serve do Outro para gozar”, ou seja, o que há de transformações nas parcerias amorosas?

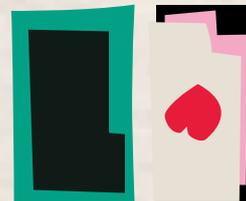
Partindo também do texto de apresentação do eixo, retomando a referência de Laurent sobre o novo, que é cada vez mais breve, e que é um dos nomes das formas contemporâneas da pulsão de morte, há algo nisso que se apresenta como questão para nós, psicanalistas. Faço a seguinte pergunta, se temos de um lado o novo, cada vez mais breve em períodos relativamente curtos (vide a nomenclatura das gerações: *Baby Boomers*, geração X, Y, Z e agora Beta) e de outro lado, em contrapartida há algo que permanece o mesmo, também como coloca Laurent, ao dizer que tudo já foi explorado e clinicamente descrito (ele diz, o objeto permanece o mesmo, e podemos acrescentar, ainda existem obsessivos, histéricas e psicóticos na Clínica), então essa avalanche de significados, diria também, metonimicamente colocados, estaria atrelado aos efeitos dos objetos produzidos sempre como “uma novidade de mercado? Sim. Isso parece lógico.

Mas ainda fica a pergunta: Entre o que sempre foi e ainda é, e o novo, como podemos localizar o gozo que determina o parceiro sintoma, hoje? Escutamos expressões como relações tóxicas, relações abusivas, relações de igualdade, mas o que isso traduz desse real em jogo quando um sexo encontra o Outro sexo? Novamente com Clotilde Leguil, no livro *a Era do Tóxico*, ela vai dizer: “O tóxico no amor faz bascular o sujeito numa região onde a ausência de limite não se refere mais ao infinito do amor, mas a um ilimitado de um gozo que acaba por lhe envenenar.”² E Miller, no texto do parceiro sintoma, vai colocar “Há um mercado do gozo especular, do gozo auditivo; há um mercado

1 BOSQUIN-CAROZ, P. *Les amours douloureuses*. Présentation du thème du Congrès NLS 2025.

2 . L' intoxication amoureuse de Emma Bovary. In. *L'ère du toxique*. Paris: ed. Puf, 2023, p. 115. Tradução livre.

CARTAS DE AMOR



do gozo fantasioso, que atinge proporções nunca vistas”.³ Se o tóxico aponta para um ilimitado e isso é averbado por um mercado, presente nos dias atuais, podemos pensar que essas são algumas das cartas colocadas na mesa, nesse jogo entre parceiros, mas isso seria da ordem do amor ?

Sabemos que o amor causa suas dores e delícias aos seres falantes. E a psicanálise sempre se interessou por esse estado que afeta tanto os homens como as mulheres. De que forma afetam a cada um? Na era do imperativo Goza, e do ilimitado do gozo, em que lugar localizamos o amor?

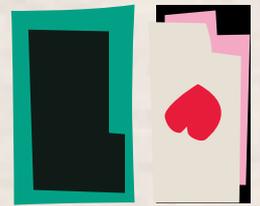
Para avançarmos nestas reflexões, este eixo terá como norteadores, as seguintes questões:

1. O que há de novo no contemporâneo em relação às parcerias amorosas?
2. E, se o amor é sensível aos ideais da cultura, como a Psicanálise pode ler e se orientar frente às metamorfoses atuais? Quais são os efeitos na Clínica?
3. Com a “proliferação dos significantes que dão um nome aos arranjos amorosos, de que forma podemos diferenciar um arranjo que vai em direção a um saber fazer com o gozo, ou um que evidencia o empuxo imperativo: Goza! E isso podendo levar ao pior?

Interessante a questão colocada por Eliane Costa Dias no texto do eixo: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” –, caberia a pergunta: Ainda?” Esse ainda é **justamente o que perseguimos nesse eixo**. O ainda abre para aquilo que já não é mais como antes, então, esse é o convite: O que será que será que andam suspirando pelas alcovas?... o que será que será que vive nas ideias desses amantes?⁴

3 As duas formas do parceiro-sintoma. In: *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2015.

4 Música *O que será que será* de Chico Buarque de Holanda.



Jornadas EBP-SP 2025

Jogos do amor: parcerias contemporâneas

EIXO 02 – Transferência é amor – que amor é esse?

María Bernadette Soares de Sant´Ana Pitteri

Membro da EBP/AMP

Participante da Comissão de Orientação das
XIII Jornadas da EBP-SP



BUST-HEAD-SCULPTURE-ART-HELLENIC – WWW.PIXABAY.COM

Falar de transferência é falar de amor. Que amor é esse? Outro amor, amor diferente, novo amor? Freud diz haver, “desde sempre, uma suspensão no problema do amor, uma discórdia interna, não se sabe que duplicidade”¹.

Numa análise manifesta-se o curioso fenômeno da transferência, amor que, na situação analítica, nada tem a ver com as qualidades do analista, que “não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal ‘conquista’”².

Diante do amor de transferência seria insensato invocar a moral, a renúncia ou a sublimação das pulsões, “como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta”³.

No Seminário II, considerando a transferência produto da situação analítica, Lacan afirma que esta não poderia criar o fenômeno; para produzi-lo é preciso haver, fora da análise, possibilidades presentes na vida do sujeito às quais a transferência dará uma composição única. Todo analista conhece o fenômeno da transferência, mas procura em vão evitar o peso que a análise introduz: a ambivalência amor/ódio⁴.

Embora a situação analítica seja uma situação anormal, o amor tal como ocorre na transferência é autêntico e se reveste do sujeito suposto saber.

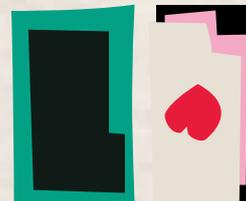
1 FREUD, S. “Observações sobre o amor de transferência”. In: *Obras completas volume 10*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 211.

2 Idem, p. 213.

3 Idem, *Ibidem*. p. 213.

4 LACAN, J. *O Seminário, livro II: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARTAS DE AMOR



No Seminário 8, Lacan explora os diálogos sobre o amor⁵ em O banquete⁶, de Platão. O problema do amor interessa por permitir compreender o que se passa na transferência.

Sócrates, segundo Lacan, está na origem “da mais longa transferência já conhecida pela história”, o que intriga, visto que os gregos valorizavam a beleza física e Sócrates era muito feio. Ora,

“O fato de que os próprios analistas [...] não primam pela harmonia corporal é aquilo a que a feiura socrática dá seu mais nobre antecedente, ao mesmo tempo, aliás, em que nos recorda que isso não é, em absoluto, um obstáculo ao amor” [...] “Em suma, a análise é a única práxis na qual o encanto é um inconveniente. Quebraria o encanto. Quem já ouviu falar num analista encantador?”⁷

No Banquete, mitos⁸ sobre o amor são contados pelos simposiarcas, o que permite articular o que se passa entre o par formado pelo amante e pelo amado, *έραστής/έρώμενος*:

“você verão aparecer claramente o amante como o sujeito do desejo – com todo o peso que tem para nós este termo, o desejo – e o amado como aquele que, nesse par, é o único a ter alguma coisa. [...] A questão é saber se aquilo que ele possui tem relação, [...] uma relação qualquer, com aquilo que ao outro, o sujeito do desejo, falta”.⁹

Esses termos não coincidem, e amar é ser presa dessa hiância, dessa discórdia. Quando o erastés, o amante, o sujeito da falta, substitui o erômenos, o objeto amado, produz-se a significação do amor. O amor como significante é uma metáfora, uma substituição.

A presença de Aristófanes no Banquete traz o cômico com o “mito das almas gêmeas”: de início os seres humanos eram completos (uma esfera com quatro braços, quatro pernas, duas cabeças), até se revoltarem contra Zeus, que ordena cortá-los ao meio como castigo. As metades errantes buscam sua metade e, quando se encontram, agarram-se num abraço até a morte. Zeus, apiedado, permite a Eros que lhes dê órgãos sexuais, para apaziguá-los e tornar o encontro possível.

O discurso de Agaton gera o questionamento socrático, desenvolve-se em torno do desejo e do amor; ele substitui o termo desejo por amor. Sócrates capta o momento no qual, na conjunção do desejo com seu objeto, surge a significação do “amor”: o desejo, enquanto falta, dirige-se ao amor em busca de uma completude imaginária.

5 LACAN, J. (1960/1961). O Seminário, livro 8: A transferência. Ed. Zahar, 1992, p. 21.

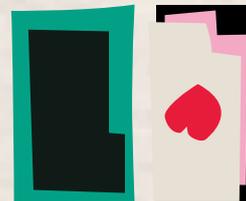
6 PLATÃO (428/347 a.C.). “O banquete”. In: Diálogos. Abril Cultural, 1972.

7 LACAN, J. (1960/1961). Op. cit., p. 21.

8 Idem, p. 59. “Todo mito se relaciona com o inexplicável do real, e é sempre inexplicável que o que quer que seja responda ao desejo.”

9 Idem, p. 42.

CARTAS DE AMOR



Nesse ponto se interrompe o discurso de Sócrates, discurso da *epistheme*, do saber transparente a si mesmo, pois este não pode “prosseguir para além de um certo limite referente a tal objeto, [...] quando este objeto é o amor”.¹⁰

Algo escapa à *epistheme* e, para ir mais além, Platão recorre ao mito¹¹. Diotima entra em cena, Sócrates a faz contar o mito de Eros, que não é um deus, mas um filósofo, sempre em busca de algo, sempre desejante. Filho de Poros (recurso, expediente, astúcia) e Penia (pobreza, miséria, sem recursos), Eros é um híbrido; desprovido de tudo, como a mãe, mas cheio de recursos e astúcia, como o pai, para conseguir o que deseja. Penia não pôde entrar na casa onde se festejava o nascimento de Afrodite, de onde sai Poros embriagado, e, quando este adormece no jardim, Penia vê a ocasião de engravidar dele e parir o filho Eros. Amar é dar o que não se tem, diz Lacan.

“Se lhes trago, nesse sentido, a fórmula de que o amor é dar o que não se tem, nada existe aí de forçado, de lhes mostrar uma das minhas invenções. É evidente que se trata disso mesmo, já que a pobre Penia (aporia), por definição e por estrutura, não tem nada a dar, senão sua falta, aporia, constitutiva. A expressão ‘dar o que não se tem’ encontra-se escrita, com todas as letras, no índice 202a do texto do Banquete”.¹²

Mas o Banquete não se esgota nos mitos e na dialética socrática. Os discursos são interrompidos por Alcibiades, que, bêbado, irrompe desarranjando a cena do simpósio, exigindo fazer o elogio do seu amor. Assusta-se com a presença de Sócrates, acusa-o de persegui-lo, além de observar que Sócrates escolheu deitar-se ao lado do mais belo dos simposiarcas, o poeta Agatão.

O bêbado Alcibiades acusa Sócrates de haver ignorado os vãos esforços que fazia, no tempo em que amava Sócrates, para torná-lo seu amante. E Alcibiades continua: aqueles que ouvem Sócrates ficam aturdidos e empolgados, encantados por suas palavras, não exatamente pelo que ele dizia, mas por ser ele a dizer. Sócrates se reveste com uma atitude de não saber, assim como as estátuas de silenos, muito feios, mas por dentro plenos de beleza e de sabedoria, agalma. Alcibiades constrói uma metáfora: as imagens de sátiros ou de silenos traziam em seu interior coisas preciosas, e Alcibiades compara Sócrates a esses objetos.

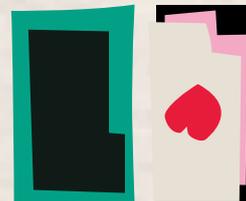
Mas Sócrates, sem se deixar enganar, afirma que, ao Alcibiades dizer que quer seu agalma, que quer seu “*agathon*” (como aparece no texto grego), o que Alcibiades quer é o Agatão, aquele que se deitava ao lado de Sócrates. O discurso de Alcibiades dirigido a Sócrates endereçava-se a Agatão, e o agalma que ele dizia estar no interior de Sócrates são as qualidades que o significante “*agathón*” carrega. A interpretação de Sócrates não é aleatória, pois, se Sócrates ama Agatão, Alcibiades o quer; ele quer aquilo que imagina que Sócrates queira: o desejo do homem é o desejo do outro.

10 Idem, p. 122.

11 Idem, p. 123.

12 Idem, p. 126.

CARTAS DE AMOR



A irrupção do personagem Alcibíades tem estreita relação com a questão do amor, e também com a transferência.

Na conclusão do IX *Congrès de L'École Freudienne*¹³, Lacan afirma que as pessoas se curam da neurose e até da perversão, mas também diz nada saber do que acontece numa análise que produza tal cura, embora marque a importância do “sujeito suposto saber” – alguém que conhece o aparelhamento (*truquage*), o modo de curar uma neurose.

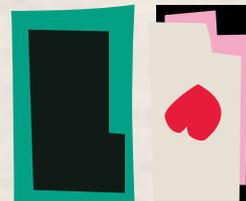
A suspeita de Lacan é de que, sendo o significante da ordem do *sinthoma*, o significante opera por intermédio do *sinthoma*, e a pergunta que surge refere-se a como comunicar esse vírus.

Pela via do “sujeito suposto saber” há alguma transmissão, a partir do “inconsciente estruturado como linguagem”, inconsciente transferencial. O *sinthoma*, no entanto, absolutamente singular, não é transmissível, e se a cura provém daí, pode-se pensar em *lalíngua*¹⁴ enquanto elucubração de saber sobre a linguagem.

O que é do inconsciente transferencial pode ser transmitido, em contraste com a intransmissibilidade do inconsciente Real, se é que há transmissão possível em psicanálise, arremata Lacan.

13 LACAN, J. “Conclusions”. In: *Lettres E.F.P.* nº 25. 1979, vol. 2, p. 219. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2023/04/LettresEFP-N25-La-Transmission-2.pdf>.

14 LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 188. “a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo *lalíngua*”.



EIXO 02 – Transferência é amor

Comentário por Sandra Arruda Grostein

AME da EBP/AMP

Coordenadora da Comissão de Orientação das XIII Jornadas da EBP-SP

Este comentário se propõe a recortar do texto de Maria Bernadette alguns pontos candentes:

Diante do amor de transferência seria insensato invocar a moral, a renúncia ou a sublimação das pulsões.

Como produto da situação analítica a transferência é ambivalente, tanto funciona como motor como obstáculo à experiência.

Para Freud o amor que se produz via transferência é autêntico e é preciso manejá-lo através das intervenções que o analista dispõe: interpretação e ato.

Para Lacan a transferência é a atualização da realidade sexual inconsciente.

Para Miller “a satisfação é inimiga do amor” na medida em que a regra da abstinência instala a proibição no tempo presente e por isso há o amor de transferência.

É próprio da transferência analítica separar o objeto amoroso do objeto sexual.

A transmutação do gozo para o significante, uma maneira de relacionar o amor à carta de amor como modalidade do amor transferencial.

O eufemismo “fazer amor” como suplência a não relação sexual substitui o falar de amor?

A teoria freudiana do amor é econômica, a ponto de inspirar Lacan em utilizar a mais valia marxista como modelo ao mais de gozar.

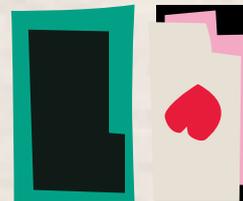
Lacan vai dizer que a transferência mais longa da história tem Sócrates em sua origem, ou seja, é através do Banquete de Platão, que ele vai proferir a celebre frase “amar é dar o que não se tem”, isto é a dialética socrática, que capta o momento no qual a conjunção do desejo com o seu objeto (sempre inadequado) surge a significação do amor.

Nestas Jornadas espera-se que casos clínicos possam questionar até que ponto estas referências favorecem ao manejo transferencial necessário, muitas vezes, para corrigir a rota na condução dos mesmos. Espera-se também, uma discussão que problematize o amor de transferência em tempos

CARTAS DE AMOR



dos Uns-Sozinhos. Além disso, são aguardados trabalhos clínicos que atualizem as modificações relativas à transferência analítica a partir do advento da virtualidade generalizada.



O AMOR ESTÁ NO AR

AMOR: CONTEMPORÂNEO?

Carolline Rangel

Associada do CLIN-a

Participante da Comissão de Artes das XIII

Jornadas da EBP-SP



Licene Garcia

Participante da Comissão de Artes das XIII

Jornadas da EBP-SP

MODERN LOVE – JOHN CARNEY (2019). PRIME VÍDEO. IMAGEM: DIVULGAÇÃO.

DISPONÍVEL EM: WWW.NOTICIASDATV.COM.BR

Marcar um date: combinar um encontro. *Um crush*: o antigo “paquera”. *Dar um match*: quando o interesse é mútuo. *Ser emocionado*: nova versão do antigo apaixonado. *Ficantes, conversantes, curtantes, visualizantes*: seriam novas formas de fazer ou de evitar o *cringe* “namoro”?

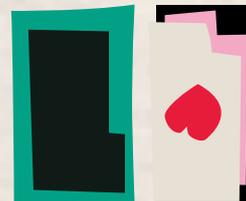
Os nomes contemporâneos do amor se reinventam e, entre o antigo e o novo, uma fenda se abre inaugurando os mais diversos formatos de parcerias. Estas apontariam uma mudança em como uma época experimenta o amor? Haveria algo que permaneceria imutável nas parcerias? Como é possível ler a subjetividade de uma época em seu modo de sustentar as parcerias amorosas?

Sobre isso, Miller nos diz: “Trata-se de redescobrir, na própria psicanálise, o que triunfa hoje no laço social, o que se chama, sem que se pense muito nisso, de individualismo moderno e que torna, de fato, problemático tudo o que é relação e comunidade, até mesmo o laço conjugal”¹.

Aplicativos para relacionamento, sexo, traição, paquera internacional. As modalidades são inúmeras, bem como suas especificidades. O excesso da oferta indicaria, a princípio, mais liberdade para desejar e gozar. Relacionamentos abertos, amor livre, trisais, trariam a chance de gozar sem limites, para além do amor. A delicadeza na escuta, entretanto, revela justamente a construção dos circuitos mais diversos para se chegar exatamente ao enigma: como se virar com o que falha na parceria entre dois, ali onde a relação sexual não existe?

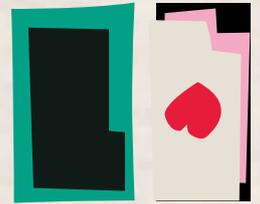
1 MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana online* nova série, n.7. 2012. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero7/texto1.html>

CARTAS DE AMOR



A série *Modern Love* (2019), escrita, dirigida e produzida por Jonh Carney (disponível no *Prime Vídeo*) conta fragmentos de histórias de amor, ilustrando formas contemporâneas de saber-fazer com o encontro. O episódio “*Estranhos em um trem*” mostra um homem e uma mulher que se conhecem em uma viagem, e após horas conversando, um mútuo interesse surge entre eles. Ao desembarcarem, escolhem não trocar o número de telefone, combinando um reencontro duas semanas depois na estação de trem. Uma versão moderna do amor cortês onde cada um segue com a fantasia que supõe ao outro.

Seja pela via do excesso ou pela via do ideal, o que parece permanecer imutável, são as infinitas formas que cada um encontra para evitar um encontro possível que inclua um certo desencontro. Com isso podemos nos perguntar: seria o amor – assim como o objeto *a* – uma dobradiça, onde de um lado, pode aparecer como uma defesa à inexistência da relação sexual, e por outro, ser também um dos modos de acessar o Outro sexo, o feminino, uma vez que é via amor que se prova o impossível pelo contingente?



Andy Warhol: reflexos de um tempo

Francine Negrão Granato

Associada do CLIN-a

Participante da Comissão de Acolhimento das
XIII Jornadas da EBP-SP

Na cidade feita de conexões e desconexões, pulsa a cultura. A exposição de Andy Warhol nos convida a percorrer sua trajetória artística. Uma parceria inédita e singular com a arte. As imagens de Marilyn não têm profundidade, não possuem subcamadas: são apenas imagens, ou melhor, uma série de representações de Marilyn Monroe. O culto à celebridade, às polaroides, ao instantâneo, ecoa sua célebre frase — “No futuro, todos terão 15 minutos de fama”. Essa afirmação oracular traduz o tempo presente, o agora, em que as redes sociais, com sua busca frenética por likes, e a proliferação de *influencers* com seus milhões de seguidores, revelam um painel da obsessão contemporânea em sua forma obscena e feroz, como um imperativo de gozo.



Andy-warhol-artist-designer-head – www.pixabay.com

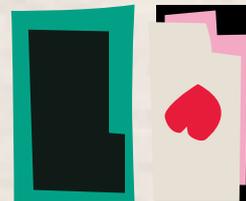
Como falar de amor? “Amar é dar o que não se tem”¹ diz Lacan no Seminário 8.

Os objetos *gadgets* parecem destinados a obturar o lugar da falta, apresentando-se como solução para o sujeito contemporâneo, ali onde o desejo poderia emergir. Andy Warhol tem uma frase que ressoa essa solução contemporânea, “Eu queria pintar o nada. Estava procurando alguma coisa que fosse a essência do nada, e foi isso.”² Os objetos funcionam como garantia para o *falasser*, mas no amor não há garantias — elas estão sempre ausentes. O protagonismo no amor é do risco, do salto no escuro, da incerteza. O amor faz parceria com algo que manca. Amar é consentir com o quê?

1 LACAN, J. O Seminário, livro 8: a transferência, Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 41.

2 WARHOL, Andy. Andy Warhol: retrospective. Organização de Heiner Bastian. Londres: Tate Publishing, 2001. p. 26.

CARTAS DE AMOR



Em *Sainte-Anne*, Lacan diz em *Estou falando com as paredes*: “O que distingue o discurso do capitalismo é isto: a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico, com as consequências de que já falei — rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor, meus bons amigos. Como vocês veem, não é pouca coisa, certo?”³

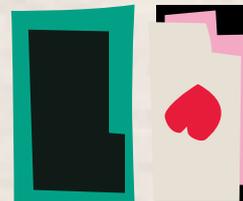
A obra de Warhol é feita de objetos ordinários, sem subtextos — apenas a superfície lhe interessa, a imagem. As criações de Warhol refletem seu tempo. Quando Lacan associa que o discurso capitalista deixa de fora as coisas do amor, seria possível relacionar essa afirmação à obra de Warhol?

Deixo aos colegas, um convite da Comissão de Acolhimento das XIII Jornadas da EBP-SP- “Jogos do amor, parcerias contemporâneas”: formulem suas próprias questões sobre o amor, inspiradas na obra desse artista que tão brilhantemente espelhou seu tempo.

ANDY WARHOL POP ART!

- Data: De 01 de maio de 2025 a 31 de agosto de 2025
- Horário: Terça-feira a Domingo, das 9h às 20h
- Endereço: Museu de Arte Brasileira- MAB FAAP
- Rua Alagoas, 903- Higienópolis-São Paulo -SP
- Idade: Livre
- Acessibilidade: Nossos espaços são acessíveis para cadeiras de rodas
- awbr25.com.br

3 LACAN, J. O saber do psicanalista: *Estou falando com as paredes*, Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.88.



CORREIO ELEGANTE

Morre-se de amor, ainda?

Paula C. V. Caio de Carvalho

Associada do CLIN-a

Participante da Comissão de Festa das XIII

Jornadas da EBP-SP

No lançamento das Jornadas da Seção São Paulo, cujo tema é *Jogos do amor, parcerias contemporâneas*, Sandra Grostein lembrou que, na escolha do tema, seria importante também ressaltar o aspecto de dor que o tema traz.

Pensando nisso trago a peça trágica de Shakespeare *Romeu e Julieta*¹ que comporta a questão da dor no amor. Uma história que já era conhecida antes de a peça ser lançada, mas o autor inglês traz novidades: considerado o único texto lírico shakespeariano pela construção dos versos, traz também a “liberdade” de escolha dos amantes despida de caráter moralizante.

Uma estória já muito conhecida e que nos conta que um desvio de uma missiva culmina na tragédia. Esse texto shakespeariano nos mostra uma relação muito direta entre o amor e a morte tal como Lacan desenvolve no capítulo XV “Do amor à libido”: “Explico assim a afinidade essencial de toda pulsão como zona da morte, e concilio as duas faces da pulsão – que, ao mesmo tempo presentifica a sexualidade (Eros) no inconsciente e representa, em sua essência, a morte (Tânatos)”.²

Podemos dizer que o surgimento desse amor, um amor sem limites, é produto da renúncia implicada na estrutura da satisfação pulsional. Nesse sentido, um amor que visa ao ser, traz de maneira muito direta a presença da morte na cena (não podemos nos esquecer de que a pré-história desse amor está assentada sobre ódio). E como nos traz Jacques-Alain Miller no texto “Do amor à morte”, onde o autor explora as múltiplas facetas da pulsão e do amor, nos lembra,

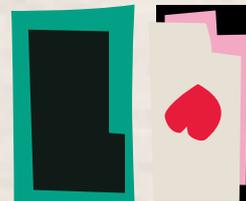


Mystical storybook scene – www.stockcake.com

1 Shakespeare, William: *Obras Completas*, tradução: Barbara Heliodora, Organização: Liana de Camargo Leão, Nova Fronteira Ed., 2017.

2 Lacan, Jacques (1998[1964]). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* – 2 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.p. 188.

CARTAS DE AMOR

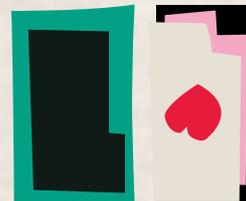


sobretudo, que a civilização traz ao proscênio a pulsão de morte. Cito Miller “(...) o Mal-estar na cultura, é o caminho do amor à morte; da organização da libido à pulsão de morte.”³

Ora, se o amor não é apenas narcísico, como lembra Miller, mas implica uma dependência, sua própria estrutura de mal-entendido, faz fronteira, nesse caso, com a passagem ao ato suicida. O que disso permanece, no ponto em que estamos da civilização na estrutura do amor?

3 Miller, Jacques-Alain. <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero2/texto5.html>. p. 02.

CARTAS DE AMOR



Amar é...

“Dar a mão a alguém foi sempre o que esperei da alegria”

C. Lispector- A paixão segundo G.H.



Heart's Faded Story – www.stockcake.com

XIII

JORNADAS DA EBP – SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM

CARTAS DE AMOR

Diretoria da EBP - Seção São Paulo: Diretoria Geral: Veridiana Marucio | Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbios: Mirmila Musse | Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral das XIII Jornadas: Marilsa Basso

Comissão do Boletim: Milena Vicari Crastelo (Coordenação), Eduardo Vallejos da Rocha, Francisco Durante, James Valeriano, Laura Mansin, Maria Célia R. Kato, Rosângela C. Turim, Valéria Ferranti

Designer: Bruno Senna